

# **Igreja do Antigo Convento de Santa Teresa dos Carmelitas Descalços de Luanda**

Helder Rodrigues  
Estudante da Licenciatura em Património Cultural

## **Introdução**

Um estudo sistemático da arquitectura das ordens religiosas nos países que incorporam o império português, nos séculos XV a XIX, que tenha em conta a história particular de cada um dos conventos e igrejas e que considere os edifícios por si, através do seu remanescente ou daquilo que a documentação sobre eles permite inferir, encontra-se ainda por fazer.

Porquê, então, investir num estudo monográfico sobre a arquitectura do antigo convento de Luanda?

A resposta encontra-se na valia que o templo em questão tem para a compreensão da expansão do barroco português no mundo.

Dediquei o primeiro capítulo à breve história da ordem dos carmelitas descalços em Portugal, seu desenvolvimento e diáspora.

O segundo capítulo foi dedicado à igreja do antigo convento de Santa Teresa de Luanda, objecto desta pequena monografia como receptáculo de um conjunto de géneros artísticos em desenvolvimento nos finais do século XVII, tornando-a num marco do barroco português em África.

O acesso à documentação, além de escassa, nunca foi fácil de consultar, quero, no entanto, agradecer a Susana Pedroso que gentilmente se disponibilizou a fotografar a igreja.

## **Ordem dos Carmelitas Descalços**

De acordo com Frei António de Jesus Lourenço, os religiosos da Ordem do Carmo chegaram a Portugal como capelães da Ordem de Malta, vindos da Terra Santa, devido às perseguições dos islamitas. Foi-lhes doado o convento construído pelos cavaleiros da Ordem de Malta em 1251, em Moura. Dele saíram os religiosos que fundaram o convento do Carmo em Lisboa, mandado construir em 1347 por D. Nuno Álvares Pereira.

Em 1423, realizou-se o primeiro capítulo provincial em terras de Portugal, sendo eleito Provincial Frei Afonso Leitão, ou de Alfama, e, um ano depois, em 1424, com a aprovação de D. João I, elaboraram-se os primeiros estatutos. Como em outras ordens conventuais, também na Ordem do Carmo houve reformas. As mais importantes ocorreram no séc. XV, após o cisma do ocidente e no séc. XVI,

após o concílio de Trento. Desta segunda reforma surgiram os hoje chamados "carmelitas descalços".

Em 1495, fundou-se um convento na Vidigueira; em 1526, em Beja, dois anos depois, em 1528, terminou a construção do convento de Colares, transformado em convento eremítico da província em 1617; em 1531, foi fundado o convento de Évora e em 1571, o de Coimbra. Vão-se sucedendo as fundações no continente. Só em 1651 é que os carmelitas ergueram o seu primeiro convento na Ilha do Faial e em 1663 no Funchal.

Apesar de a Ordem afirmar que os "carmelitas não têm tradição de missões no antigo Ultramar Português; nunca abrindo aí alguma casa", num relatório do governador de Angola, Gonçalo da Costa e Menezes, escrito naquele ano, em resposta à carta régia de 10 de Março de 1692, diz-se «...os padres de Santa Teresa também quantos mais vierem melhor, porque são religiosos de exemplo, e o Prior que agora veio, além de me darem desse reino noticias das suas virtudes, aqui têm já grande opinião as do seu procedimento, pela forma das suas acções, que são muito conformes à religião que professa.»<sup>1</sup>, a acompanhar este relatório terá seguido também uma relação dos missionários e respectivas casas, «dos carmelitas descalços tinham morrido alguns, de modo a que só restavam dois padres. Tinham em Luanda um convento "muito asseado e perfeito, ..."»<sup>2</sup>.

O decreto liberal redigido por Joaquim António de Aguiar, datado de 30 de Maio de 1834, que determinou a imediata extinção de todas as casas religiosas e a incorporação dos seus bens na fazenda nacional, só atingiu a colónia cinco meses depois, encontrando já a casa conventual do Carmo despojada de religiosos.

### **Igreja do Antigo Convento de Santa Teresa de Luanda**

A igreja de Nossa Senhora do Carmo pertencia ao convento de Santa Teresa da Ordem Carmelita reformada dos Carmelitas Descalços. Construída entre 1660 e 1689, teve como principal patrono a rainha-mãe e regente do reino D. Luísa de Gusmão<sup>3</sup>, 1ª rainha da quarta dinastia pelo seu casamento com João, duque de Bragança, posteriormente D. João IV, e regente de Portugal durante a menoridade de D. Afonso VI em 1656.

---

<sup>1</sup> Almeida, F. d. (1967-1971). *História da Igreja em Portugal*, nova edição preparada e dirigida por Damião Peres, 4 vols (Vol. II). Porto: Portucalense Editora/Livraria Civilização – Editora. P.286

<sup>2</sup> Almeida, F. d. (1967-1971). *História da Igreja em Portugal*, nova edição preparada e dirigida por Damião Peres, 4 vols (Vol. II). Porto: Portucalense Editora/Livraria Civilização – Editora. P.286

<sup>3</sup> Cadornega, António de Oliveira de, *História geral das guerras angolanas - 1680*, anot. e corrigido por José Matias Delgado, Lisboa, Agência-Geral do Ultramar, 1972, 3 vols., Reprodução fac-similada da ed. de 1940, pp 18-19, e confirmado por Pedro Dias na sua obra *História da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822) O Espaço Atlântico*, p.132

Como era desejo da rainha, os padres carmelitas chegaram a Luanda a 28 de Setembro de 1659<sup>4</sup> e foram hospedados em algumas casas localizadas ao lado do convento de São José pertencente à Ordem Terceira de São Francisco. Mudaram-se para as novas instalações em Dezembro de 1659, nos arredores dos limites da cidade de então, na área já conhecida como Ingombotas, onde foram adquiridas duas casas, para serem usadas como convento.

Em Janeiro de 1660, começaram os trabalhos para a fundação do convento e igreja no mesmo local, com capitais e materiais disponibilizados pelo governador, sob despacho da família real portuguesa de 03 de Julho do mesmo ano<sup>5</sup>. No entanto, para construção da cerca conventual contou-se com ajuda das esmolas dos moradores e assistência da Fazenda Real na execução das obras. A Igreja do convento de Santa Teresa foi concluída apenas em 1689, devido à conjuntura económico-social do reino pós-Restauração, cuja estabilidade só seria retomada no final da última década do século sob a gestão do Conde de Castelo Melhor, que sucedeu a rainha na administração do reino. “A sacristia deve-se ao mecenato do governador D. João de Lencastre, facto comprovado por uma inscrição lapidar: «Esta sacristia mandou fazer à sua custa o Senhor D. João de Lencastre Governador e Capitão Geral deste Reino. 1691»”<sup>6</sup>.

Podemos ainda encontrar no interior duas pedras tumulares onde se encontram sepultados dois dos bispos da diocese de Angola: D. Frei António do Espírito Santo (1672-74), carmelita descalço e primeiro bispo de Angola após a Restauração, e D. Frei Francisco de Santo Tomás, nomeado bispo de Angola e Congo em 1761, “O marquês de Pombal fez esta nomeação em ódio a Frei Francisco, porque este mostrou repugnância em desempenhar o papel que lhe foi distribuído no processo contra o padre Malagrida.”

Em 1828, a igreja de Nossa Senhora do Carmo estava basicamente em ruínas. Uma grande parte do convento foi destruída quando o capitão da marinha, José Xavier Bressante Leite, em 1842/1843, quis mudar a capital do reino de Benguela (1617-1869) para o porto do Lobito<sup>7</sup>.

<sup>4</sup> Cunha, M. A. (1953). *Igreja de Nossa Senhora do Carmo*. Luanda: Museu de Angola. P. 7

<sup>5</sup> Esta informação foi referida inicialmente por António de Oliveira de Cadomega, *História geral das guerras angolanas - 1680*, anot. e corrigido por José Matias Delgado, Lisboa, Agência-Geral do Ultramar, 1972, 3 vols., Reprodução fac-similada da ed. de 1940, pp 18-19, por Brásio, P. A. (1970). *Monumenta Missionaria Africana* (Vols. XII, XIII, XIV). Lisboa: Academia Portuguesa de História. P. 292 «[...] Faço saber aos que esta minha Prouisão de data de um pedaço de chão virgem, que hauendo respeito ao Reuerendo Padre Prior e mais Religiosos Carmelitas Descalços que nesta Cidade residem, me enuiaram dizer em uma sua petição [...]» (Brásio, 1970, Vol XII, p. 292) e confirmado por Pedro Dias na sua obra *História da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822) O Espaço Atlântico*, p.132, “Sabemos que em 1660 o governador Fernandes Vieira deu um terreno aos Carmelitas para aumentarem a cerca do seu convento”

<sup>6</sup> Dias, P. (1999). *História da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822) O Espaço Atlântico*. Lisboa, Círculo de Leitores, p.134

<sup>7</sup> Cunha, M. A. (1953). *Igreja de Nossa Senhora do Carmo*. Luanda: Museu de Angola. p. 8

Desde 1907 a igreja de Nossa Senhora do Carmo é uma igreja paroquial sendo servida pelos padres dominicanos.

### **Arquitectura**

A igreja conventual tem planta longitudinal, composta pela capela-mor e nave rectangulares, a que se adossa uma capela também rectangular. As dependências conventuais rodeiam um claustro de planta quadrangular, abobadado, de dois pisos, que abre para a quadra central por pilares de secção quadrada, nos quais assentam os arcos de volta perfeita, mantendo ainda a métrica de três por banda, “ao lado da igreja conserva-se o claustro de dois andares, de arcadas contínuas e muito simples, típicas do maneirismo tardio”<sup>8</sup>, organizam-se em três dos lados do claustro, mantendo no piso superior os arcos de volta perfeita. (Fig. 1)

Os volumes articulados recebem coberturas diferenciadas com telhado de duas águas sobre a igreja e dependências anexas, de quatro águas sobre as dependências conventuais, de uma água sobre o piso superior do claustro. A fachada principal apresenta um grande portal ligado a um nicho onde foi colocada uma imagem de Nossa Senhora do Carmo, e encimada por empena triangular com as armas reais, comprovativas do seu real patrocínio.

Nas palavras de Manuel A. Cunha, “a igreja é a mesma da primitiva construção monástica, uma nave, três capelas na cabeceira, e uma capela transeptal no lado do Evangelho, tudo de traça contemporânea da fundação, com as colunas de torcidos, alvenaria de arquitectura religiosa seiscentista de Luanda, como se encontra na ermida da Nazaré e restos e da igreja da Ilha do Cabo, construídas na mesma época”<sup>9</sup>, descrição que Pedro Dias retoma na sua obra “A igreja é muito simples, mas nem por isso deixa de ter um excelente traçado, idêntico, aliás, ao de várias casas desta ordem existentes no Reino.”<sup>10</sup>

A sacristia foi concluída mais tarde, por ordem de Dom João de Lencastre, governador e capitão geral da Angola, entre 1688 e 1691, conforme lápide que se pode ainda encontrar<sup>11</sup>.

Exemplar da arquitectura portuguesa chã, prática e económica, que nasce da necessidade de desenvolver uma forma de arquitectura que fosse possível construir por todo o império, desde Portugal até à Índia, com pequenas adaptações, e pronta a receber decoração quando fosse conveniente ou existissem recursos disponíveis, adaptando-se, eventualmente, aos modelos decorativos locais.

---

<sup>8</sup> Dias, P. (1999). *História da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822) O Espaço Atlântico* Lisboa, Círculo de Leitores, p 134.

<sup>9</sup> *Ibidem*

<sup>10</sup> Dias, P. (1999). *História da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822) O Espaço Atlântico*. Lisboa, Círculo de Leitores, p 134.

<sup>11</sup> Cunha, M. A. (1953). *Igreja de Nossa Senhora do Carmo*. Luanda: Museu de Angola. p. 8

Esta arquitectura permite transformar, através da talha, pintura e azulejo, edifícios simples em aparatosos cenários decorativos, como é o caso da Igreja do Carmo. No interior chama-se atenção para o conjunto de azulejos lisboetas do séc. XVIII e para o excepcional tecto pintado, já plenamente barroco, destacando-se ainda, os retábulos da mesma época e estilo<sup>12</sup>.

### **Retábulos**

Dos quatro retábulos existentes, mandados executar pelos religiosos carmelitas descalços, três são barroco pleno e um do barroco final, construídos em alvenaria estucada e dourada.

Devido às semelhanças com alguns dos retábulos existentes na igreja da Nossa Senhora da Nazaré, cuja construção data do último quartel do século XVII, e desconhecendo a identidade do artista interveniente, poderemos concluir tratar-se do mesmo mestre pedreiro português oriundo de Lisboa e sedado em Luanda.

Tanto o retábulo do altar-mor como os existentes nos altares colaterais têm planta em perspectiva côncava. Assentam num embasamento com um só registo, e compõem-se de banco, corpo único, um só tramo e ático. O ático é composto por uma arquivolta e dois arcos plenos, salomónicos, cortados por cinco aduelas

O retábulo principal foi encomendado pela ordem primeira dos carmelitas descalços no segundo quartel do século XVII. Trata-se de um exemplar eucarístico e possui duas colunas torsas com sete espirais. (Fig. 3), sendo o ático encimado pelas armas dos carmelitas descalços. O trono piramidal em degraus era destinado à exposição do Santíssimo.

Ladeado por colunas com capitel jónico, eleva-se actualmente a imagem em vulto perfeito da padroeira, Nossa Senhora do Carmo. Por baixo do trono estão situados: o sacrário ladeado por duas colunas torsas e dois nichos onde, apoiadas sobre mísulas, encontram-se as imagens de vulto perfeito dos santos reformadores da ordem, Santa Teresa de Ávila e São João da Cruz, objecto de campanhas posteriores, não existindo as mesmas em 1953, conforme descrição e fotografias de Manuel A. Cunha na sua obra "*Igreja de Nossa Senhora do Carmo*".

Coevos do altar principal e ladeando o arco triunfal encontram-se dois retábulos colaterais gémeos. Tal como o retábulo principal acima descrito, têm planta em perspectiva côncava sendo compostos por conjuntos de colunas duplas torsas de capitel coríntio com seis espirais. Assentam num embasamento de duplo registo, e compõem-se de banco, corpo único, um só tramo e ático. O ático é composto por uma arquivolta e dois arcos plenos, salomónicos, cortados por cinco aduelas, e apoiados num entablamento contínuo. (Fig. 4)

---

<sup>12</sup> *Ibidem*

Executado no segundo quartel do século XVIII, situado numa capela lateral do lado do Evangelho, e preenchendo a totalidade da parede testeira, está colocado o retábulo dedicado ao Senhor Jesus. (Fig. 6)

Exemplar devocional a um só tema com a tipologia de corpo único e um só tramo. De planta plana, as colunas de fuste liso na sua metade inferior e adornadas na metade superior, assentam sobre o mesmo plinto e apresentam capitel coríntio. A tribuna onde se encontra a imagem de grandes dimensões do Senhor Crucificado é ladeada por pilastras recolhidas face às colunas e também coroada por fuste coríntio. O ático é composto por três arquivoltas com adornos vegetalistas, no topo surge um escudo liso. De realçar a paleta cromática, revelando o embasamento, as pilastras e o fundo da arquivolta decoração a mármoreo vermelho, enquanto a almofada do embasamento, as colunas e respectivos fustes como o fundo do corpo decoração a mármoreo negro. Os dois degraus da tribuna, apesar do seu mau estado, apresentam vestígios de pintura brutesca.

O tipo de decoração pressupõe a existência de artista de grande qualidade oriundo de Lisboa, mas radicado na colónia.

Na mesa do altar, encontramos a imagem do Senhor Morto.

Todos se encontram num estado razoável de conservação.

### **Azulejos**

A partir dos finais do século XVII as oficinas portuguesas vão reagir à concorrência holandesa e inicia-se o período de desenvolvimento da produção nacional, conhecido pelo ciclo dos mestres<sup>13</sup>, impulsionada pelo espanhol Gabriel del Barco, sediado em Portugal, e que responde a um grande número de encomendas um pouco por todo o país. A sua técnica não é de grande qualidade, mas uma série de seguidores vai dar início à época dos grandes mestres das oficinas de Lisboa, como António Pereira, António de Oliveira Bernardes, o seu filho Policarpo de Oliveira Bernardes e Manuel dos Santos.

Em Luanda, os azulejos azuis e brancos oriundos de Lisboa, cores predominantes no século XVIII, como acima referi, denotam duas campanhas artísticas.

Com decoração típica do barroco pleno, composta por festões e ramagens, formam um friso ao longo das paredes da nave. (Fig. 2)

A segunda campanha já típica do Barroco final forra o frontispício da nave e os dois lados do presbítero, é composta por cenas da protecção da Virgem à Ordem do Carmo; o sonho do profeta Elias, arrebatado do céu num turbilhão de chamas, sobre um carro de fogo, e, na capela – mor, a glorificação dos carmelitas Santa Teresa e S. João da Cruz, e o socorro da Senhora às almas do purgatório.

---

<sup>13</sup> Meco, J. (1986 -1993). *O Azulejo em Portugal*. Lisboa: Publicações Alfa S.A., pp. 214-228)

### ***Pinturas de Tecto***

Em consequência dos vinte e oito anos de guerra contra Castela (1641-1668) Portugal afasta-se, em parte, do cenário artístico europeu<sup>14</sup>, levando ao desenvolvimento de géneros alternativos à pintura de cavalete da época, entre as quais o brutesco, aliado ao baixo custo associado a estes trabalhos. O sucesso deste género artístico de composições bidimensionais tende a expandir-se inicialmente por todo o território continental alargando-se posteriormente a todo o espaço de influência portuguesa

A acção e vastidão cenográfica que a decoração brutesca proporcionava na decoração dos tetos das igrejas, composta por enrolamentos acânticos, florões, vasos, cartelas, grifos, cariátides, folhagens, grinaldas, envolvendo cartelas devocionais, constituem uma das formas mais aceites da arte barroca portuguesa.

Apesar de ser conhecida e utilizada esporadicamente no século XVI, é no entanto durante o século seguinte que atinge o seu auge, conseguindo uma harmonia perfeita com a talha e o azulejo, cuja decoração acaba por influenciar<sup>15</sup>. É neste período que é decorado o tecto da Igreja do convento de Nossa Senhora do Carmo, provavelmente por um artista oriundo de Lisboa. (Fig. 5) As pinturas constantes nas cartelas evocam o êxtase místico de S. João da Cruz, a transverberação de Santa Teresa de Jesus, o triunfo do profeta Elias sobre os inimigos da Virgem Maria, uma alusão, quase que imperceptível, a Nossa Senhora do Carmo na abóbada da capela – mor.

### **Conclusão**

A igreja do antigo convento de Santa Teresa de Luanda é detentora de uma arquitectura simples, cuja principal característica é a sua evidente e quase sempre constante simplicidade formal e espacial.

Construída durante o terceiro quartel do século XVII, é uma igreja de estilo “chão” português, cuja construção e embelezamento foram pagos em grande parte com donativos da casa real.

Com requintes artísticos, no exterior com a utilização de cantarias, especialmente o portal da entrada, apresenta no seu interior uma decoração rara em Angola, quer no revestimento de azulejos, nas pinturas dos tectos, e na execução e decoração dos retábulos.

---

<sup>14</sup> Serrão, V. (2003). *História da Arte em Portugal - O Barroco*. Lisboa: Editorial Presença, lda. Pp.55, 59

<sup>15</sup> *Idem*

Resultado de consecutivas campanhas de obras. Com decoração típica do barroco pleno, as paredes da nave são percorridas por um silhar de azulejos composto por festões e ramagens, formando um friso; a segunda campanha, já típica do barroco final forra o frontispício da nave e os dois lados do presbitero, com cenas do panorama espiritual carmelita.

Na capela-mor ergue-se um retábulo eucarístico barroco com colunas salomónicas, a ladear o arco triunfal admiram-se dois retábulos colaterais gémeos, e, inserido numa capela lateral, um altar ao Senhor Jesus, possivelmente datados dos finais do século XVII, todos eles em alvenaria estucada.

A contextualização histórica e religiosa da construção deste templo, a análise da sua vertente artística, na arquitectura, pintura, talha e azulejaria, pode considerá-la uma “obra de arte total” e um dos mais extraordinários exemplares da arte barroca nas colónias portuguesas em África.

## Bibliografia

- Almeida, F. d. (1967-1971). *História da Igreja em Portugal, nova edição preparada e dirigida por Damião Peres, 4 vols* (Vol. II). Porto: Portucalense Editora/Livraria Civilização – Editora.
- Angola Field Group. (11 de Outubro de 2009). Historic/Architectural Tour of downtown Luanda Field Trip led by architect Liza Leal. Luanda, Angola. Obtido em 25 de Setembro de 2010, de Web site de Angola Field Group: <http://angolafieldgroup.com>
- Batalha, F. (1963). *Arquitetura Antiga de Luanda. V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*, (pp. 457 - 468). Coimbra.
- Brásio, P. A. (1970). *Monumenta Missionaria Africana* (Vols. XII, XIII, XIV). Lisboa: Academia Portuguesa de História.
- Cadornega, A. d. (1680). *História Geral das Guerras Angolanas* (Vol. Tomo III). Lisboa (1972): S.I.
- Correia, J. E. (2002). *Arquitetura Portuguesa. Renascimento, Maneirismo, Estilo Chão*. Lisboa: Editorial Presença.
- Cunha, M. A. (1953). *Igreja de Nossa Senhora do Carmo*. Luanda: Museu de Angola.
- Dias, P. (1999). *História da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822) O Espaço Atlântico*. Lisboa, Círculo de Leitores.
- Info Angola*. (20 de Setembro de 2010). Obtido em 25 de Setembro de 2010, de Info-Angola A Biblioteca virtual de Angola: [www.info-angola.ao](http://www.info-angola.ao)
- Kubler, G. (S.I.). *A Arquitectura Portuguesa Chã - Entre as Especiarias e o Diamantes 1521-1706*. S.L.: Assírio Bacelar.
- Lameira, F. (2005). *O Retábulo em Portugal das origens ao declínio*. Faro: Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve e Centro de História da Arte da Universidade de Évora.
- Meco, J. (1985). *Azulejaria em Portugal*. Lisboa: Bertrand Editora Lda.
- Meco, J. (1986 -1993). *O Azulejo em Portugal*. Lisboa: Publicações Alfa S.A.
- Ordem do Carmo em Portugal. (2007-2010). *Ordem do Carmo em Portugal*. Obtido em 25 de Setembro de 2010, de Web site de Ordem do Carmo: <http://www.ordem-do-carmo.pt>
- Raposo, J. H. (1947). *Dona Luísa de Gusmão - Duquesa e Rainha*. Lisboa.
- Serrão, V. (2003). *História da Arte em Portugal - O Barroco*. Lisboa: Editorial Presença, Ida.



Figura 1 – Igreja do Antigo Convento de Santa Teresa de Luanda



Figura 2 – Nave e frontispício da capela-mor

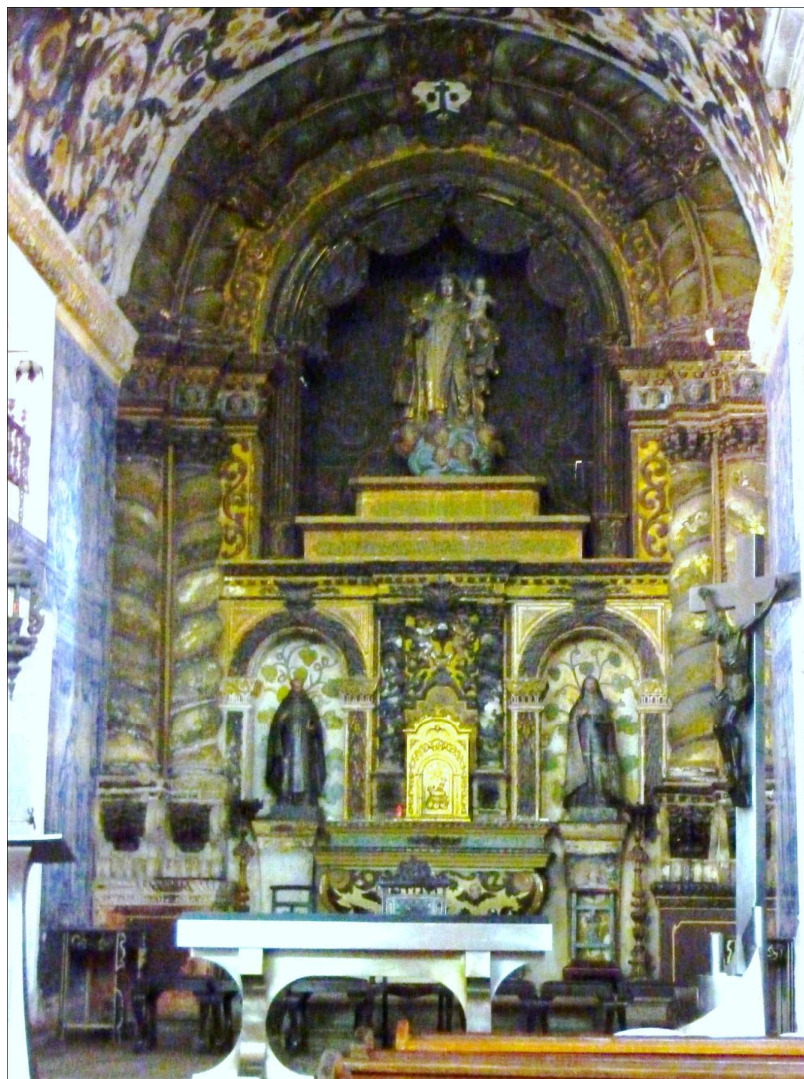


Figura 3 – Altar-mor



Figura 4 – Altar lateral gêmeo – Sagrado Coração de Jesus



Figura 5 – Pintura do tecto da nave

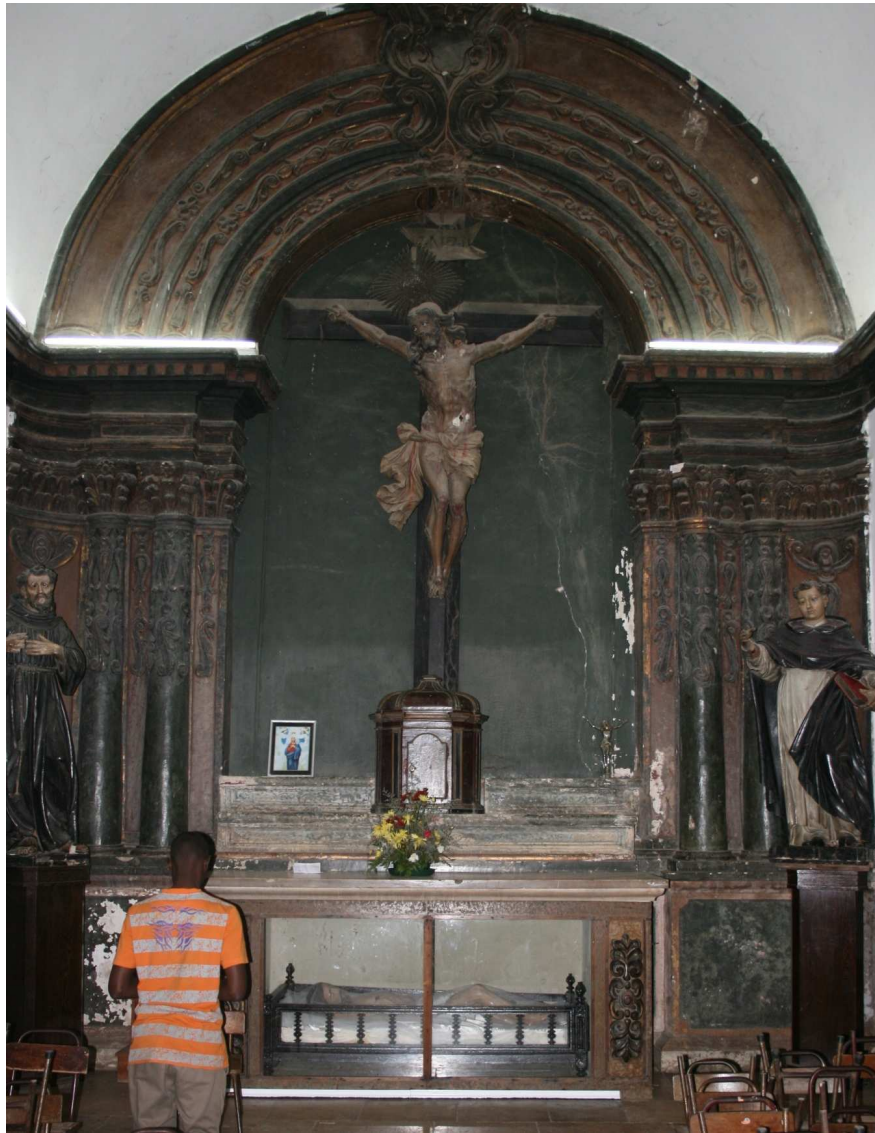


Figura 6 – Altar lateral da capela do Senhor Jesus